

“Imagens para uma imagem”

«(...) o desenho é uma coisa que se pratica, penso que todos o fazem, mas o desenho em si próprio, como objecto próprio, nem todos. Nem todos os artistas o encaram dessa forma, como objecto autónomo.

Eu gosto muito de desenho, desenho muito, e às vezes apetece-me mais desenhar que pintar.»

In Fallorca, Jorge - Rogério Ribeiro: a paixão do desenho, “Europeu” de 27 Janeiro 1989

São vinte os desenhos recentes do Pintor Rogério Ribeiro que integram esta exposição, a primeira realizada pelo artista nesta Galeria.

Observando-os mais de perto somos tentados, por conveniência de leitura, a alinhá-los em três grupos que se organizam mais pela forma como estes se inscrevem no seu suporte do que pelo que deles se desprende como poética - um fio condutor, poderoso, de que se falará mais adiante.

Estamos assim em presença de:

- um primeiro conjunto em que o traço a tinta da china, por vezes aguada, se define sobre o fundo branco do papel;
- um segundo que, recorrendo à mesma técnica, tem mais do que um plano, sendo a folha preenchida pela intermitência dos traços que evocam uma *quase* gravura;
- ainda um terceiro, este de fundo negro, em que as figuras se recortam como um *quase* negativo.

Conhecendo a já longa e vastíssima obra deste Pintor, reencontram-se aqui algumas constantes do seu trabalho, sobretudo mais evidentes no domínio da prática do desenho:

- a centralidade da mancha inscrita no papel criando por vezes uma construção triangulada;
- a sobreposição das figuras;
- um claro sentido cénico;
- as figuras aladas (femininas e masculinas);
- o entrecruzar da vivência terrena com uma vivência tangencial à espiritualidade celestial;
- a direcção do olhar das personagens para além dos limites do suporte e não interpelando o espectador;
- a importância da presença do gesto, sobretudo das mãos, estas ponto de contacto e afecto entre as personagens ou denunciando o seu próprio isolamento;
- as saídas negras sem saída real;
- a suspensão do tempo na imagem;
- o espanto;
- o desalento.

Tudo isto se tem reflectido na obra do Pintor Rogério Ribeiro em registos de diferentes humores - da mais fina e jocosa ironia ao mais profundo e calado desalento e desespero, como alguns destes desenhos tão bem evidenciam. As figuras exprimem isso mesmo nos contornos dos seus corpos. De ombros caídos ou retraindo-se, como quem se desvia de qualquer medo, suportam um peso imenso, ao mesmo tempo denso e indefinido do qual se desprende um silêncio inquietante, perturbador. Mas há também quem parece tentar sussurrar segredos, passar mensagens, criar movimentos de aproximação, espaços de conforto e afecto.

De outro modo não poderia ser, já que a afirmação de um desígnio ontológico é uma constante na obra deste artista. O seu trabalho sempre se construiu como uma metodologia de reflexão, necessariamente expressa numa escrita que se foi construindo ao longo do tempo, alcançando uma identidade própria. Questionando o seu próprio presente, nunca dele se distanciando, recentra mundos no mundo, apela à memória para a construção do devir, porém, numa gestão permanente de tensões simbolicamente polarizadas no Amor e na Morte. Talvez, por isso mesmo, seja este o seu testemunho maior da paixão imensa que nutre pela Vida.

Setembro 2007

Ana Isabel Ribeiro